

Para responder as questões de 1 a 5, considere o texto a seguir.

### As cotas para negros e a desigualdade brasileira

1 O sucesso das políticas públicas depende da definição clara dos problemas que elas querem  
2 combater, bem como da adoção de medidas que acertem o alvo correto. Essa pequena digressão técnica é  
3 necessária para tornar mais preciso um debate que está no centro da agenda pública: a questão das cotas  
4 para negros em universidades. Para que serviria essa política discutida hoje de forma tão radical? Com  
5 certeza ela não seria capaz de atenuar o sofrimento dos negros durante a escravidão.

6 Quanto a isso, o máximo que podemos fazer é lembrar sempre dessa mácula da história brasileira.  
7 É importante frisar isso porque alguns revisionistas têm argumentado que a população negra não sofreu  
8 tanto assim, pois alguns dos africanos foram traficantes e outros, quando libertos, logo compravam seu  
9 “escravinho”. Há ainda a tese, arrancada à força do pensamento de Gilberto Freyre, de que a convivência  
10 entre brancos e negros fora “pacífica”. Afinal, milhares de estupros foram “consentidos”. [...]

11 Apresentar o debate da escravidão de forma completamente distorcida não ajuda o debate das  
12 cotas. Não que as desigualdades atuais sejam fruto apenas da escravidão. É bem provável que muito da  
13 situação atual se explique pela falta de políticas no pós-escravidão. Mas um fato é evidente nos estudos  
14 empíricos: há desigualdade entre brancos e negros com mesma situação de renda e escolaridade.

15 [...] Recentemente, coordenei uma pesquisa sobre escolas públicas e um dos pesquisadores  
16 presenciou o que só conhecíamos por estatística. Numa sala de aula com alunos em situação equivalente  
17 de pobreza, havia uma divisão na qual, de um lado, ficavam os brancos e, de outro, os negros. Isso se  
18 repetia no intervalo. Pior: o tratamento docente era francamente favorável aos brancos. Conversamos com a  
19 professora e com a diretora: nenhuma delas havia percebido essa discriminação. Um racismo tão invisível e  
20 enraizado é difícil de combater apenas com políticas iguais para todos. Para questões como essa, deveria  
21 valer a máxima, de tratar desigualmente os desiguais para alcançar a justiça social.

22 Não pense, leitor, que o problema está resolvido, pois a forma como foi feita a política afirmativa,  
23 termo mais correto que cotas, afetará os resultados. Cotas muito amplas e sem nenhum critério de mérito  
24 não podem ser um desestímulo para o estudo dos negros? Ademais, o cotismo não poderia se transformar  
25 numa política racialista que geraria uma tensão inexistente em nossa sociedade? São perguntas  
26 fundamentadas (e não ideológicas) em termos de políticas públicas.

27 Para elas, deve haver respostas ainda no terreno das políticas afirmativas.

(ABRUCIO, Fernando. *Revista Época*, Globo, Rio de Janeiro, 22 mar. 2010, p. 51.)

01. Sobre a construção do texto, **NÃO** se pode afirmar que

- a) o autor utiliza aspas para marcar discurso de outrem.
- b) o termo “mácula” (l. 6) retoma “escravidão” (l. 5) expondo a avaliação negativa do autor sobre esse sistema de trabalho.
- c) os nexos “logo” (l. 8) e “ainda” (l. 9) são empregados no texto para indicar tempo.
- d) a expressão “um desestímulo para o estudo dos negros” (l. 24) é ambígua.

02. Em “Para questões como essa, deveria valer a máxima...” (l. 20-21), o modal “dever” indica

- a) certeza.
- b) probabilidade.
- c) dúvida.
- d) hipótese.

03. Qual das frases a seguir apresenta uma construção condenada pela Gramática normativa?

- a) “Essa pequena digressão técnica é necessária para tornar mais preciso um debate que está no centro da agenda pública [...]” (l. 2-3)
- b) “Apresentar o debate da escravidão de forma completamente distorcida não ajuda o debate das cotas.” (l. 11-12)
- c) “Numa sala de aula com alunos em situação equivalente de pobreza, havia uma divisão na qual, de um lado, ficavam os brancos e, de outro, os negros.” (l. 16-17)
- d) “Ademais, o cotismo não poderia se transformar numa política racialista que geraria uma tensão inexistente em nossa sociedade?” (l. 24-25)

04. Identifique o período em que a oração subordinada destacada exerce a função de sujeito.
- a) Quanto a isso, o máximo **que podemos fazer** é lembrar sempre dessa mácula da história brasileira. (l. 6)
  - b) Há ainda a tese [...] **de que a convivência entre brancos e negros fora “pacífica”**. (l. 9-10)
  - c) É bem provável **que muito da situação atual se explique pela falta de políticas no pós-escravidão**. (l. 12-13)
  - d) Não pense, leitor, **que o problema está resolvido** [...]. (l.22)

05. Assinale a alternativa em que a palavra grifada **NÃO** introduz nenhuma informação pressuposta.

- a) “O sucesso das políticas públicas depende da definição clara dos problemas que elas **querem** combater [...]” (l. 1-2)
- b) “É importante frisar isso porque **alguns** revisionistas têm argumentado que a população negra não sofreu tanto assim [...]” (l. 7-8)
- c) “Não que as desigualdades atuais sejam fruto **apenas** da escravidão.” (l. 12)
- d) “Para elas, deve haver **respostas** ainda no terreno das políticas afirmativas.” (l. 27)

06. Para responder esta questão, considere o fragmento abaixo.

1 [...] Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas – transmitindo-as a  
2 outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele  
3 gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia  
4 trabalhar, folgar, dormir, desagrilhado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou  
5 um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do  
6 maroto!

(ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 100.)

Analise as afirmações a seguir e marque (V) para verdadeiro e (F) para falso. O trecho citado

- ( ) compõe-se de uma digressão metalinguística típica do estilo machadiano.
- ( ) recria literariamente fato histórico referido por Fernando Abrujo no texto sobre desigualdades raciais.
- ( ) apresenta ironia referencial através da percepção do narrador da contradição entre condição atual e passada de Prudêncio.

A sequência correta é:

- a) V – F – V
- b) F – V – V
- c) V – F – F
- d) F – V – F

07. Analise as afirmações de duas críticas brasileiras ao comentar a construção do personagem Raimundo, protagonista do romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo, e as relacione ao texto de Fernando Abrucio transcrito no início da prova (Página 1).

Texto 1

- 1 A tese sendo provar a injustiça da prevenção dos brancos contra os mulatos, o autor se crê na  
2 obrigação de cobrir Raimundo de todas as virtudes, de mostrá-lo belo, nobre, inteligente – sem cuidar  
3 que o fazia sobretudo absurdo e inumano, e que construía um romance realista em torno de uma figura  
4 escandalosamente romântica.

*Lúcia Miguel-Pereira*

Texto 2

- 1 [Os escritores] denunciam o racismo, com certeza, mas dourando a pílula, pois não literalizam o não-  
2 branco igualando as condições étnicas que lhe são inerentes. A apresentação de Raimundo é  
3 impressionante sob esse aspecto: tez morena e amulatada, mas “fina”; a parte “mais característica” de  
4 sua fisionomia são os “olhos azuis, herdados do pai”. Poder-se-ia argumentar que se está cobrando do  
5 literário uma verdade referencial, politicamente correta, que ele não está obrigado a transmitir. Creio  
6 que o argumento não procede: o racismo brasileiro histórico, basicamente decorrente de quase quatro  
7 séculos de escravidão negra, ao ser recriado na literatura, mesmo para denunciá-lo, impediu que  
8 escritores bem-intencionados ultrapassassem os limites da caricatura no tratamento da questão.

*Letícia Malard*

Da análise, conclui-se que

- a) Malard revela que é europeu o padrão de beleza – uma das virtudes do personagem citadas por Miguel-Pereira – adotado no romance.  
b) a análise de Malard se contrapõe à tese de Abrucio de que o racismo brasileiro é invisível e enraizado.  
c) Miguel-Pereira considera o excesso de idealização do personagem o elemento responsável pelo tom de denúncia do racismo do romance.  
d) ambas as críticas consideram o personagem inverossímil, o que invalida sua qualidade literária.

Para responder as questões de 8 a 10, leia os textos a seguir.

Texto 1

- 1 Conta-se que um determinado professor explicava o conceito saussuriano de *signo* escrevendo, com  
2 uma das mãos, no quadro negro, a palavra “nariz” e apontando, com a outra, para o seu próprio nariz.  
3 Ensinava que a palavra escrita é o *significante* e o órgão para o qual apontava, o *significado*.  
(PIETROFONTE, Antonio Vicente Seraphim; LOPES, Ivã Carlos. A semântica lexical. In: FIORIN, José  
Luiz (org.). *Introdução à linguística*. 4. ed. v. 2. São Paulo: Contexto, 2007. p. 111.)

Texto 2

- 1 [...] quando Alice encontra o Chapeleiro Louco e a Lebre de Março para tomar chá eles estão  
2 acompanhados de um *dormouse*. Lewis Carroll faz muitas piadas sobre o comportamento do  
3 *dormouse*: ele dorme e acorda todo tempo, fala enquanto dorme e quase dorme enquanto fala.  
4 O *dormouse* (*Muscardinus avellanarius*) é um mamífero roedor da família *Gliridae*. Existem na  
5 Europa, na África e Ásia, algumas espécies são encontradas nas ilhas britânicas. Tem esse nome  
6 devido a sua principal característica, o longo período de hibernação: um *dormouse* dorme até seis  
7 meses por ano. [...] A palavra *dormouse* vem do latim *dormire* (dormir) como em *dormant* (adormecido)  
8 ou *dormitory* (dormitório). [...]  
9 Em português, que bicho é esse? O Houaiss registra a palavra glirídeo, “família de roedores do  
10 Velho Mundo, conhecidos vulgarmente como arganazes”. Fosse um estudo sobre roedores, *dormouse*  
11 seria, portanto, arganaz. Existem 34 espécies diferentes de *dormice*, nenhuma no Brasil. Cada um dos  
12 tradutores de Carroll escolhe um nome brasileiro para o *dormouse*: “arganaz”, “caxinguelê”, “leirão”,  
13 “marmota”, “ratão do banhado”, “rato silvestre”, “rato do campo”.  
14 O problema é que nenhum desses nomes lembra sono ou dormir e, sem isso, as piadas de Carroll  
15 simplesmente não funcionam. Ana Maria Machado, em sua ótima tradução (Ática, 2000), percebeu que  
16 a questão não era o bicho mas o nome do bicho e na sua história o *dormouse* virou “dormundongo”.  
(FURTADO, Jorge. Alice através do espelho do tempo. *Zero Hora*, 13 mar. 2010, p. 4-5. Cultura)

**08.** Em relação à concepção de língua, evidencia-se que

- a) o texto 1 a concebe como representação do mundo, enquanto o texto 2 a concebe como código.
- b) o texto 1 a concebe como código, enquanto o texto 2 a concebe como representação do mundo.
- c) ambos os textos concebem a língua como representação do mundo.
- d) ambos os textos concebem a língua como código.

**09.** Quanto ao emprego dos pronomes no Texto 2, é possível afirmar que:

- I. “ele” (l. 3) é anafórico porque se refere a “*dormouse*” (l. 3), caso se referisse a “Lewis Carroll” (l. 2) seria dêitico.
- II. “esse” (l. 9) é catafórico, pois se refere a “glirídeo” (l. 9).
- III. “desses nomes” (l. 14) é anafórico, sendo usado para evitar a repetição da enumeração do final do terceiro parágrafo.

Está(ão) correta(s):

- a) I, apenas.
- b) I e II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) III, apenas.

**10.** Sobre a frase “Conta-se histórias”, pode-se afirmar que:

- I. “se” é partícula apassivadora e o sujeito é simples: “histórias”. Há, pois, desvio de concordância na construção da frase.
  - II. “se” é índice de indeterminação do sujeito, portanto, o sujeito é indeterminado.
- a) I está correta do ponto de vista da Gramática normativa.
  - b) II está correta do ponto de vista pragmático.
  - c) I está correta do ponto de vista pragmático.
  - d) II está correta do ponto de vista da Gramática normativa.

11. Leia o texto abaixo.

Certa feita, tirando minhas dúvidas em português, me deparei com a seguinte frase: a turma é boa; às vezes, na sala de aula fazem bagunça. O coletivo exige o verbo na terceira pessoa do singular. No entanto o autor explicava que se tratava de silepse de número. Quer dizer o verbo concorda com o que está implícito no coletivo, os rapazes, as moças etc.

30/11/2009 10:56 - **Deodato Lopes**

(RECANTO DAS LETRAS. Disponível em: <<http://66.228.120.252/gramatica/875742>>. Acesso em: 3 mar. 2010.)

Considerando a definição de silepse exposta, a alternativa que apresenta tal fenômeno é

- a) Os restantes 5% da amostra foram desprezados.
- b) Lá vai um dos que pensam que a lei é só para os pobres.
- c) O casal ficou comovido e, após apegar-se à criança, decidiram adotá-la.
- d) Um e outro pouco colaboraram para o êxito do projeto.

12. Considerando, da perspectiva da Gramática normativa, as sequências,

- I. “Certa feita, tirando minhas dúvidas em português, me deparei com a seguinte frase.”
- II. “Sir John inventou as pesquisas de opinião, mas esqueceu de perguntar antes a opinião do rei.” (ZERO HORA, 22 mar. 2010, p. 7.)
- III. Dão-se aulas em domicílio.

É correto afirmar que

- a) apenas I segue a regência padrão.
- b) apenas I e III seguem a regência padrão.
- c) apenas III segue a regência padrão.
- d) apenas II e III seguem a regência padrão.

13. Observe o texto a seguir.

- 1 Muito observadora, a criança disse:
- 2 - A Dinda puxou à vovó, as duas são professoras e têm o mesmo cabelo.

Em relação à fala da criança, observa-se que

- I. há quebra de paralelismo semântico.
- II. o período é composto por três orações coordenadas assindéticas.
- III. ocorre elipse da palavra “tipo” na última oração.

Está(ão) correta(s)

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) II e III, apenas.

Para responder as questões de 14 a 16, considere o texto de Luís Fernando Verissimo.

### Palavreado

“Lorota”, para mim, é uma manicura gorda. É explorada pelo namorado, Falcatrua. Vivem juntos num pitéu, um apartamento pequeno. Um dia batem na porta. É Martelo, o inspetor italiano.

- Dove está il tuo megano?
- Meu quê?
- Il fistulado del tuo matagoso umbráculo.
- O Falcatrua? Está trabalhando.
- Sei. Com sua tragada de perônios. Magarefe, Barroco, Cantochão e Acepipe. Conheço bem o quintal. São uns melindres de marca maior.
- Que foi que o Falcatrua fez?
- Está vendendo falácia inglesa enlatada.
- E daí?
- Daí que dentro da lata não tem nada. Parco manolo!

(VERISSIMO, Luís Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 76.)

14. Há, no texto, o predomínio da cena sobre sumário. Por isso, o foco narrativo dominante é

- a) narrador onisciente neutro.
- b) modo dramático.
- c) câmera.
- d) onisciência seletiva.

15. O modo como o cronista lida com determinadas palavras no texto o aproxima do procedimento poético que

- a) confere aos sons papel tão relevante quanto o que atribui às letras.
- b) estabelece relação sensorial com o signo linguístico.
- c) sobrepõe o significante ao valor semântico do signo.
- d) explora a relação entre som e significado de maneira não prevista pelo código.

16. Agora compare a fala final do inspetor italiano com a definição de falácia dada pelo dicionário.

**Falácia:** *Subst. fem.* Qualidade ou caráter de falaz.

**Falaz:** *Adj.* 1. Enganador, fraudulento. 2. Enganoso, ilusório, falacioso. [Superl.: *falacíssimo*.]

(*Minidicionário Aurélio*.)

Dessa comparação, pode-se deduzir que

- a) a ironia do cronista só é percebida pelo leitor que conhecer o sentido literal da palavra “falácia”.
- b) o cronista constrói um paradoxo.
- c) assim como “lorota” e “falcatrua”, a palavra “falácia” é personificada.
- d) o cronista emprega a palavra “falácia” como metáfora da vida vazia de Lorota e Falcatrua.

17. Observe a seguinte afirmação.

Ao contrário da linguagem de uso prático, **onde** as palavras são empregadas a partir do significado comum a todas as pessoas, a característica marcante da poesia é a de recriar o significado das palavras, colocando-as num contexto diferente do normal.

(PAIXÃO, Fernando. *O que é poesia*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 14)

O fragmento transcrito revela uma concepção de literatura similar à definida por Jonathan Culler em *Teoria literária* como:

- a) objeto estético.
- b) “a colocação em primeiro plano” da linguagem.
- c) ficção.
- d) construção intertextual ou autorreflexiva.

18. Para a Gramática Normativa, “onde” é normalmente classificado como pronome relativo ou advérbio, usado nas referências a lugar. Ulisses Infante (1995) expõe desse modo:

Onde é pronome relativo quando tem sentido aproximado de *em que*; deve ser usado, portanto, na indicação de lugar, atuando sintaticamente como *adjunto adverbial de lugar*. [...]

Há uma forte tendência na língua portuguesa atual para o uso de *onde* como um verdadeiro conetivo universal. Esse uso curiosamente tende a ocorrer quando um falante de desempenho lingüístico [sic] pouco eficiente procura ‘falar difícil’. (p. 417)

Comparando a explanação acima e o uso de “onde” no texto de Fernando Paixão, pode-se dizer que

- o texto de Paixão contraria o exposto pelo gramático, pois revela que o uso desviante de “onde” não se restringe a falantes de “desempenho lingüístico pouco eficiente”.
- Paixão utiliza “onde” como se fosse conjunção explicativa ou conclusiva, um uso não prescrito pela gramática normativa, mas que remonta à época de Camões.
- Paixão utiliza “onde” como pronome relativo cujo conteúdo é preenchido pela remissão a um conteúdo precedente, no caso “uso prático”.
- Paixão utiliza “onde” como pronome relativo que, em vez da referência a lugar, faz uma referência temporal, podendo ser substituído por “quando”.

19. Sobre história literária, leia a observação a seguir.

Chklovski desenvolve a sua teoria da história literária forjando uma outra metáfora: “A herança passa não de pai para filho, mas de tio para sobrinho.” O “tio” representa uma tendência que não goza do primeiro lugar [...]. A geração seguinte retomará e “canonizará” essa tendência secundária, aparentada e oposta à precedente: “Dostoievski eleva ao título de norma literária os processos do romance de aventuras.”

(TODOROV, Tzvetan. História da literatura. In: \_\_\_\_\_; DUCROT, Oswald. *Dicionário das ciências da linguagem*. 6. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982. p. 184-185.)

Analisando a história da literatura brasileira, pode-se afirmar que o princípio descrito acima é ilustrado por:

- Basílio da Gama e a epopeia.
- Mário de Andrade e a rapsódia.
- Lygia Fagundes Telles e o conto.
- Rubem Fonseca e o romance policial.

20. Leia a seguinte afirmação do crítico Alfredo Bosi.

A nação afigura-se ao patriota do século XIX como uma ideia-força que tudo vivifica. Floresce a História, ressurreição do passado e retorno às origens [...]. Acendra-se o culto à língua nativa e ao folclore [...], novas bandeiras para os povos que aspiram à autonomia [...]. Para algumas nações nórdicas e eslavas e, naturalmente, para todas as nações da América, que ignoraram o Renascimento, será este o momento da grande afirmação cultural.

(BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 95)

Com relação à obra de José de Alencar, tal afirmação evidencia-se mais claramente em:

- Diva.
- Lucíola.
- Iracema.
- O sertanejo.

21. Leia o poema a seguir.

- 1 Pastores, que levais ao monte o gado
- 2 Vede lá como andais por essa serra;
- 3 Que para dar contágio a toda a terra,
- 4 Basta ver-se o meu rosto magoado:
  
- 5 Eu ando (vós me vedes) tão pesado;
- 6 E a pastora infiel, que me faz guerra,
- 7 É a mesma, que em seu semblante encerra
- 8 A causa de um martírio tão cansado.
  
- 9 Se a quereis conhecer, vinde comigo,
- 10 Vereis a formosura, que eu adoro,
- 11 Mas não; tanto não sou vosso inimigo:
  
- 12 Deixai, não a vejais; eu vo-lo imploro;
- 13 Que se seguir quiserdes, o que eu sigo,
- 14 Chorareis, ó pastores, o que eu choro.

(COSTA, Cláudio Manuel da. *Poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]. p. 30.)

Sobre o poema, é possível afirmar que:

- a) o soneto contém apenas valores de ordem intelectual, sem qualquer referência de caráter emocional.
- b) ocorre a presença de bucolismo, característica típica do Arcadismo, que é denotado, entre outros aspectos, pelos vocábulos gado, terra e inimigo.
- c) o sentimento dominante é o amor como fonte de sofrimento.
- d) o sentimento do eu lírico tem motivação unicamente em aspectos morais da pastora, o que é explicitado através dos termos *semblante* e *formosura*.

Leia os textos a seguir.

Texto 1

- 1 Para um homem se ver a si mesmo são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é
- 2 cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta
- 3 de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho, e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma
- 4 senão entrar um homem dentro em si, e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é
- 5 necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus
- 6 concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento.

(VIEIRA, Antônio. *Sermão da Sexagésima*.)

Texto 2

- |   |  |
|---|--|
| <p><b>Imperfeito</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1 Eu sei que meu amor</li> <li>2 É imperfeito</li> <li>3 Mas se ele deixar, vou lhe mostrar</li> <li>4 O quanto também</li> <li>5 Tenho defeito</li> <li>6 Não é pra me gabar</li> <li>7 Mas rio do que faço</li> <li>8 Eu devia chorar</li> <li>9 Eu sei o mal que fiz</li> <li>10 Já está feito</li> <li>11 Mas lhe pedi perdão, por ser assim</li> <li>12 E o coração que</li> <li>13 Tenho no peito</li> <li>14 Não quer acreditar</li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>15 Já nem estou mais aqui</li> <li>16 Nem em qualquer lugar</li> <li>17 Lá vai se embora meu mundo sem mim...</li> <li>18 O que há de errado em ser tão errado assim?</li> <li>19 Já vou saindo, não precisa empurrar...</li> <li>20 Pois meu maior defeito é insistir</li> <li>21 Que ele é perfeito,</li> <li>22 Que é pura crueldade pedir pra ele mudar</li> <li>23 Nem luz, nem espelho,</li> <li>24 Nem olhos pra enxergar</li> <li>25 Acho que sou alguém</li> <li>26 Que nunca vai mudar.</li> </ol> <p>[...]</p> <p>(ULHOA, John. <i>Isopor</i>. São Paulo: BMG, 1999. 1 CD (3 min. 42seg.). Faixa 5.)</p> |
|---|--|

22. Em relação aos textos,

- I. No texto 1, o autor vale-se de uma analogia para estabelecer os três princípios indispensáveis para se converter uma alma: o pregador, o ouvinte e a graça divina.
- II. O texto 2 retoma, através do recurso da intertextualidade, a analogia desenvolvida no texto 1 para afirmar que o ser humano é incapaz de conhecer a si mesmo.
- III. No verso 3 de “Imperfeito”, o amor é personificado, produzindo como efeito uma dissociação entre o sentimento e o amante, o qual se encontra submetido “às vontades” do amor.

Está(ão) correta(s):

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) II e III, apenas.

23. O conectivo “e” normalmente é usado como conjunção coordenativa aditiva. No entanto, isso **NÃO** ocorre na alternativa:

- a) “Para um homem se ver a si mesmo são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz.”
- b) “Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos [...]”
- c) “Logo, há mister luz, há mister espelho, e há mister olhos.”
- d) “Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz e é necessário espelho.”

24. São traços típicos da linguagem coloquial presentes no Texto 2, **EXCETO**

- a) usar pretérito imperfeito no lugar do futuro do pretérito (l. 8).
- b) iniciar frase com a conjunção explicativa “pois” (l. 20).
- c) contrair a preposição “para” (l. 6, l.22).
- d) usar a conjunção “mas” no lugar do advérbio “mais” (l. 7).

25. Numere a coluna 2, que contém fragmentos narrativos, de acordo com a coluna 1, que contém as funções complementares do narrador.

Coluna 1

- 1 – função comunicativa
- 2 – função metanarrativa
- 3 – função testemunhal ou modalisante
- 4 – função explicativa
- 5 – função generalizante ou ideológica

Coluna 2

- ( ) “A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com que ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, aflições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar.” (NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 17.)
- ( ) “Miguel não era homem de têmpera a lutar contra a adversidade. O cativo e reclusão perene de sua filha, a miséria que se lhe antolhava acompanhada de mil angústias, eram para ele fantasmas hediondos, cujo aspecto não podia encarar sem sentir mortal pavor e abatimento. Não achou muito oneroso o preço pelo qual o desumano senhor, livrando-o da miséria, concedia liberdade à sua filha, e aceitou o convênio.” (GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 4. ed. São Paulo: FTD, 1998. p. 131.)
- ( ) “Deixemos Rubião na sala de Botafogo, batendo com as borlas do chambre nos joelhos e cuidando da bela Sofia. Vem comigo, leitor; vamos vê-lo, meses antes, à cabeceira do Quincas Borba.” (ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Jaraguá do Sul: Avenida, 2005. p. 10.)
- ( ) “Quando Olímpico lhe dissera que terminaria deputado pelo Estado da Paraíba, ela ficou boquiaberta e pensou: quando nos casarmos então serei uma deputada? Não queria, pois deputada parecia nome feio. (Como eu disse, essa não é uma história de pensamentos. Depois, provavelmente voltarei para as inominadas sensações, até sensações de Deus. Mas a história de Macabéa tem que sair senão eu estouro.)” (LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 22. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 63.)

A sequência correta é:

- a) 5 – 3 – 1 – 2
- b) 3 – 4 – 2 – 5
- c) 4 – 2 – 5 – 1
- d) 1 – 5 – 3 – 4

26. Considere os versos a seguir, do poeta modernista gaúcho Tyrteu Rocha Vianna.

- 1 O bandaoriental capataz D. Fulano
- 2 Colorado sargento indiamuertano
- 3 Por su mala cabeza
- 4 Emigrado cachaça paradista
- 5 Dúzias de homicídios comissariais
- 6 Homiziantes
- 7 Enrodilhou o laço de 11 braços
- 8 E pialou de colhera a zebuzinha jaguané
- [...]

(VIANNA, Tyrteu Rocha. *Saco de viagem*. 2. ed. Porto Alegre: PUC, 1993. p. 59.)

Considerando seu conhecimento sobre a obra dos modernistas brasileiros, é possível afirmar que, no poema acima,

- I. o emprego de versos livres e a ausência de pontuação são traços comuns com a poesia de Oswald de Andrade.
- II. a mistura de regionalismos e neologismos revela uma experimentação linguística semelhante à encontrada na prosa de Guimarães Rosa.
- III. o olhar irônico e pretensamente infantil o aproxima da lírica de Manuel Bandeira.

Está(ao) correta(s):

- a) I, apenas.
- b) I e II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) II e III, apenas.

27. “Bandaoriental” é um neologismo formado através do processo de:

- a) Composição por aglutinação.
- b) Composição por justaposição.
- c) Derivação regressiva.
- d) Derivação parassintética.

28. Leia o poema a seguir

**Embora soneto**

- |   |                        |    |                     |
|---|------------------------|----|---------------------|
| 1 | Vivo meu porém         | 8  | Viver é apesar      |
| 2 | No encontro do todavia | 9  | Amar é a despeito   |
| 3 | Sou mas.               | 10 | Ser é não obstante. |
| 4 | Contudo                | 11 | Destarte            |
| 5 | Encho-me de ainda      | 12 | Sou outrossim       |
| 6 | Na espera do quando    | 13 | Ilusão, sem embargo |
| 7 | Desando ou desbundo.   | 14 | Malgrado senão.     |

(BARROS, Paulo Alberto M. Monteiro de (Artur da Távola).  
*Calentura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 17.)

Analise as afirmações a seguir, marcando (V) para verdadeiro e (F) para falso.

- ( ) “Embora soneto” pode ser lido como “ainda assim um soneto”, numa alusão à forma do texto, que não corresponde à do soneto tradicional.
- ( ) O tema do texto é o constante conflito, as recorrentes contrariedades que nos trazem as circunstâncias da vida.
- ( ) “Contudo” é a única conjunção coordenativa adversativa do texto.
- ( ) “Apesar (de)” assume o sentido da relação que costuma estabelecer, indicando resignação.

A sequência correta é

- a) F – V – F – V
- b) F – F – V – V
- c) V – V – F – F
- d) V – V – V – F

29. A afirmação de Maurizio Gnerre (1985) de que “O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico” é bem caracterizada no ato de

- a) comentar uma notícia de jornal.
- b) sentenciar um réu.
- c) parabenizar um aniversariante.
- d) despedir-se de alguém.

Para as questões 30 e 31, considere os textos a seguir.

### Texto 1

A língua é uma instituição social, e como tal é instrumento da sociedade, o mais rico e complexo dos instrumentos humanos. Todavia, mesmo enquanto mero caráter instrumental, pode prescindir do critério de correção? Todo instrumento implica um uso correto ou incorreto, eficaz ou ineficaz. O erro é inerente à condição humana e será descartável em matéria tão delicada e sutil como a linguagem? A experiência quotidiana ensina que todo falante a cada passo comete erros (orações mal formadas, ambiguidades às vezes cômicas, etc.) e se corrige a si próprio. A correção é inerente a todo ato de comunicação.

(ROSENBLAT, Angel. *apud* FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2002. p. 236.)

### Texto 2

Quanto ao nome que se deve dar à língua falada aqui, acho que a designação português brasileiro (empregada como termo técnico pelos pesquisadores) já dá conta de mostrar que estamos nos referindo a uma língua diferente da língua dos portugueses. É importante reconhecer essas diferenças, deixar de considerá-las como “erros” e admitir que são, de fato, regras que pertencem à gramática da língua materna de 170 milhões de seres humanos. [...]

Acreditar que existem erros na língua falada **ou** que ela pode se corromper é **tão** científico **quanto** acreditar que a Terra é plana e o Sol gira em torno dela, ou que as moscas nascem da carne podre. É triste verificar que esse folclore linguístico, que não resiste à menor análise empírica, ainda vigora com tanta intensidade no senso comum dos brasileiros. Pior **ainda** é que ele seja alimentado diariamente pelos meios de comunicação, **que** dão roupagem eletrônica de última geração ao que existe de mais arcaico, rudimentar e tosco em termos de concepção de língua.

(BAGNO, Marcos. Brasil e Portugal já falam duas línguas diferentes. In: *Galileu*, Globo, São Paulo, p. 88, fev. 2002.)

30. Dos textos, pode-se depreender que

- o autor do texto 1 considera que cometer erros é próprio da condição humana e, portanto, o uso da linguagem também não foge a essa possibilidade.
- o autor do texto 2 considera a noção de erro linguístico um equívoco porque as construções desviantes da norma padrão não seguem uma lógica.
- para o autor do texto 1, os erros no uso da linguagem em situações quotidianas são involuntários e não interferem na eficiência da comunicação.
- para o autor do texto 2, os brasileiros acreditam que falam “errado” devido à influência dos meios de comunicação, que defendem uma concepção de língua conservadora.

31. Quanto aos elementos coesivos grifados no segundo parágrafo do texto de Bagno, NÃO é correto afirmar que

- “ou” combina proposições estabelecendo entre elas uma relação de exclusão.
- “tão... quanto” estabelece uma relação de equivalência entre duas informações.
- “que” deveria ser substituído por “os quais” para tornar a frase mais elegante.
- “ainda” intensifica o sentido do adjetivo que o acompanha.

32. Observe a seguinte anedota.

Conta-se que um brasileiro em visita a Lisboa entrou, sedento, em uma padaria e perguntou ao empregado português: - Tem água?

O português prontamente respondeu: - Tem, mas não há.

Sobre a anedota, analise as afirmações a seguir:

- O enunciado “Tem água?” traz subentendido um pedido de água, sendo corriqueiramente usado pelos brasileiros, mas não necessariamente pelos portugueses.
- A resposta do português expõe claramente o repúdio lusitano pelos brasileirismos, no caso o emprego do verbo “ter” com sentido de “haver”.
- A situação evocada na anedota demonstra que a língua, sendo um fato social, sofre alterações de acordo com as comunidades falantes.

Está(ão) corretas:

- I e II, apenas.
- I e III, apenas.
- II, apenas.
- III, apenas.

33. Leia o seguinte trecho, extraído do romance *São Bernardo*.

1 Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou  
2 pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida  
3 agreste, que me deu uma alma agreste.

4 E, falando assim, compreendo que perco o tempo. Com efeito, se me escapa o retrato moral de  
5 minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever. [...]

6 Procuo recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução  
7 imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir.

(RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979. p. 101-102.)

Em relação ao romance, as seguintes afirmações são corretas, **EXCETO**

- o despojamento da linguagem propõe uma realidade hostil que se projeta no personagem-narrador, cuja personalidade é árida e rude como a terra agreste.
- entre o narrador e Madalena, há uma total impossibilidade de comunicação, principal causa do fracasso de seu casamento.
- há resquícios de Naturalismo porque se percebe, na construção do personagem-narrador, a influência do meio sobre o homem.
- para o narrador, escrever se afigura o meio de retornar ao passado e desvendar o mistério que rodeia sua esposa.

34. Em *São Bernardo*, o foco narrativo modela sua verdadeira força expressiva porque projeta o nível de consciência da personagem em:

- onisciência intrusa.
- primeira pessoa.
- terceira pessoa.
- fluxo de consciência.

35. Compare os seguintes poemas.

1 Discreta e formosíssima Maria,  
2 Enquanto estamos vendo a qualquer hora  
3 Em tuas faces a rosa da Aurora,  
4 Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:

5 Enquanto com gentil descortesia  
6 O ar, que fresco Adônis te namora,  
7 Te espalha a rica trança voadora,  
8 Quando vem passear-te pela fria:

9 Goza, goza da flor da mocidade,  
10 Que o tempo trota a toda ligeireza,  
11 E imprime em toda a flor sua pisada.

12 Oh não aguardes, que a madura idade  
13 Te converta em flor, essa beleza  
14 Em terra, em cinza, em pó, em sombra em nada.

Gregório de Matos Guerra

Ilustre e hermosíssima Maria  
mientras se dejan ver a cualquier hora  
en tus mejillas la rosada aurora  
Febo en tus ojos, y en tu frente el día

y mientras con gentil descortesia  
mueve el viento la hebra voladora  
que la Aravbia en sus venas atesora  
e el rico Tajo en sus arenas cria

goza cuello, cabello, lábio y frente  
antes que lo que fué en tu edad dorada,  
oro, lírio, clavel, cristal luciente,

no solo en plata o viola troncada  
se vuleva, mas tu y ello juntamente  
en tierra, en humo, en polvo, en sombra, en nada.

Luís de Góngora

Da comparação entre os textos, pode-se concluir que o poeta brasileiro

- plagiou o soneto gongórico, desrespeitando os direitos autorais que assistiam ao poeta espanhol.
- traduziu o soneto gongórico, para divulgar, entre os brasileiros, a obra do poeta espanhol que tanto admirava.
- parodiou o poema gongórico, com o intuito de criticar o culto da forma característico do poeta espanhol.
- imitou o poema gongórico, numa prática recorrente para a estética clássica que via os grandes autores como modelos a ser seguidos.

36. É característica do Barroco verificável no soneto de Gregório de Matos Guerra

- a crença no poder humano, capaz inclusive de controlar a passagem do tempo.
- a revisitação do tema latino do *carpe diem* sob uma ótica pessimista.
- a idealização da figura feminina através do emprego de antíteses.
- a retomada da mitologia greco-latina como modo de combater o poder da Igreja.

37. Considere a afirmativa de Alfredo Bosi (1994) a seguir.

A sua poesia [...] tem dado um exemplo fortemente persuasivo de “volta às próprias coisas” como estrada real para apreender e transformar uma realidade que, opaca e renitente, desafia sem cessar a nossa inteligência. Na esteira de Drummond e de Murilo Mendes, [...] estreou com a preocupação de desbastar suas imagens de toda ganga de resíduos sentimentais ou pitorescos, ficando-lhes nas mãos apenas a sua intuição das formas (de onde o geometrismo de alguns poemas seus) e a sensação aguda dos objetos que delimitam o espaço do homem moderno. (p. 469)

É possível identificar que o crítico refere-se a

- a) Vinícius de Moraes.
- b) Cecília Meireles.
- c) João Cabral de Melo Neto.
- d) Manoel de Barros.

38. Considere o poema a seguir.

**Momento num café**

- 1 Quando o enterro passou
- 2 Os três homens que se achavam no café
- 3 Tiraram o chapéu maquinalmente
- 4 Saudavam o morto distraídos
- 5 Estavam todos voltados para a vida
- 6 Absortos na vida
- 7 Confiantes na vida

- 8 Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
- 9 Olhando o esquife longamente
- 10 Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade
- 11 Que a vida é traição
- 12 E saudava a matéria que passava
- 13 Liberta para sempre da alma extinta

(BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem & Estrela da manhã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 87.)

Sobre o texto, pode-se afirmar que

- a) o poema pode ser dividido em dois momentos, a primeira estrofe focaliza um aspecto universal – o óbito; a segunda, faz a passagem do universal para o particular, a reflexão sobre o sentido da vida.
- b) a repetição da palavra “vida”, nos três últimos versos da primeira estrofe, sugere que o seu desfrute, interrompido por um fato constrangedor – o enterro – seguirá, apesar disso, tranquila e fastidiosamente.
- c) os vocábulos “maquinalmente” e “distraídos” revelam o gesto de solidariedade para com o humano diante do considerável fenômeno morte.
- d) o café, o chapéu (trajes europeus) e o anonimato dos frequentadores do café revelam a representação de costumes de um vilarejo interiorano.

39. Para responder a esta questão, leve conta os versos a seguir.

[...]

- 1 Tenho explicado as frutas e legumes,
- 2 Que dão a Portugal muitos ciúmes;
- 3 Tenho recopilado
- 4 O que o Brasil contém para invejado,
- 5 E para preferir a toda a terra,
- 6 Em si perfeitos quatro "A A" encerra.
- 7 Tem o primeiro "A" nos arvoredos
- 8 Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
- 9 Tem o segundo "A" nos ares puros,
- 10 Na tempérie agradáveis e seguros;
- 11 Tem o terceiro "A" nas águas frias,
- 12 Que refrescam o peito e são sadias;
- 13 O quarto "A" no açúcar deleitoso,
- 14 Que é do Mundo o regalo mais mimoso.

(Botelho de Oliveira. "À ilha de Maré".)

O poema apresenta uma visão \_\_\_\_\_ da natureza brasileira, aspecto que foi retomado pela \_\_\_\_\_ geração romântica, como forma de forjar uma \_\_\_\_\_, necessária a um país recém-independente.

Os termos que completam corretamente as lacunas são:

- a) elogiosa – terceira – identidade nacional
- b) crítica – primeira – consciência social
- c) elogiosa – primeira – identidade nacional
- d) crítica – terceira – consciência social

40. Leia o seguinte fragmento do romance *Relato de um certo oriente*, cuja trama se desenrola na cidade de Manaus.

- 1 [...] Foi difícil abrir os olhos, mas não era a luminosidade que incomodava, e sim tudo o que era visível.
- 2 De olhos abertos, só então me dei conta dos quase vinte anos passados fora daqui. A vazante havia
- 3 afastado o porto do atracadouro, e a distância vencida pelo mero caminhar revelava a imagem do
- 4 horror de uma cidade que hoje desconheço: uma praia de imundícias, de restos de miséria humana,
- 5 além do odor fétido de purulência viva exalando da terra, do lodo, das entranhas das pedras vermelhas
- 6 e do interior das embarcações. Caminhava sobre um mar de dejetos, onde havia tudo: cascos de
- 7 frutas, latas, garrafas, carcaças apodrecidas de canoas, e esqueletos de animais. Os urubus, aos
- 8 montes, buscavam com avidez as ossadas que apareceram durante a vazante, entre objetos
- 9 carcomidos que foram enterrados há meses, há séculos.

(HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 124.)

A partir do texto e dos conhecimentos sobre a obra do autor amazonense, percebe-se que

- I. a região amazônica é despida de exotismo, a cidade de Manaus apresenta-se tristemente semelhante a qualquer região periférica e pobre do país.
- II. a deterioração da paisagem é contagiante, fazendo com que a narradora lamente seu retorno.
- III. o emprego inusitado de termos regionais ratifica a posição de Milton Hatoum como um dos renovadores da prosa regionalista.

Está(ão) correta(s)

- a) I, apenas.
- b) I e II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) II e III, apenas.